



Inteligência ao Feminino

Claudia Maria Vicentini ¹

Resumo: A inteligência é uma das faculdades da alma elucidadas pelo Acadêmico Professor Antonio Meneghetti. O conceito de inteligência também foi pensado, estudado por outros autores que tentaram entender como o ser humano, por meio de sua inteligência, age nesse tempo e espaço. O escopo desta pequena tese é de conhecer como acontece o modo de inteligência ao feminino. Inteligência do latim *intus legere actionem* = ler dentro ação, compreender dentro. Para a Escola Ontopsicológica, a inteligência não é masculina, nem feminina, não existe nenhuma diferença substancial entre os dois sexos, mas “formal” sim no sentido de que uma mesma realidade acontece de dois “modos” diversos, que dão origem a percursos diferentes, complementares e ambos indispensáveis ao alcance do total do conhecimento. A mulher como o homem, é fenomenologia do espírito. Na mitologia grega, retratam através do mito de Afrodite e Psique a função da mulher, elas carregam as tochas, qualidade feminina de serem portadoras da luz, mostrando o próximo passo a ser tomado, para sua evolução. Ao estudarmos conteúdos específicos de Ontopsicologia, passamos a ter um novo entendimento de como acontece e age a inteligência na forma feminina, ao longo dos séculos.

Palavras-chave: inteligência; feminino; masculino.

Intelligence to Female

Abstract: Intelligence is one of soul's faculties elucidated by Academician Professor Antonio Meneghetti. The concept of intelligence was also thought, studied by other authors who have tried to understand how the human being through his intelligence, acts in this time and space. The scope of this short thesis is known as happens to female intelligence mode. Latin intelligence *intus legere actionem* = read in action, understand inside. For ontopsychological school intelligence is not male or female, there is no substantial difference between the two sexes, but "formal" yes in the sense that the same reality happens two "modes" number, which give rise to different routes, complementary and both are essential to reach the total of knowledge. The woman as the man is Phenomenology of Spirit. In Greek mythology, Aphrodite portray through the myth of Psyche and the woman's function, they carry the torches, feminine quality of being carriers of light, showing the next step to be taken to its evolution. As we study the Ontopsychology, we now have a new understanding of how it happens and agea intelligence in female form over the centuries.

Keywords: intelligence; female; male.

¹ Empresária, empreendedora, estudante do Curso de Bacharelado em Ontopsicologia, Primeira Turma, Faculdade Antonio Meneghetti. E-mail: claudia@passoverde.com.br

Introdução

Somos a única espécie, em meio a milhões na natureza, que pensa que tem consciência de si mesma e escreve sua história. A espécie humana é dotada de inteligência. Procuramos conceituar inteligência. Ao entendermos o que significa, buscamos também compreender como acontece esta inteligência ao formalizar-se neste planeta.

Iniciamos nossa busca por meio da mitologia. Os gregos começaram a inventar, elaborar os mitos para explicar o mundo, como as coisas funcionavam, para onde iriam, o que não se explicava com a lógica. Abordamos também outros autores que além de conceitos, nos trazem algumas teorias acerca das inteligências. Analisamos e comparamos esses conceitos com os que nos apresenta, de modo interdisciplinar, a Ciência Ontopsicológica.

2 Fundamentação Teórica

Ao buscar conceitos sobre a inteligência, vimos que ela tem sido definida popularmente e ao longo da história de muitas formas diferentes, tais como abordaremos algumas neste trabalho.

2.1 Mitologia

Na Grécia Antiga, os gregos começaram a inventar e elaborar os mitos para explicar o que a razão e a lógica não explicavam. Através do mito de Amor e Psiquê, demonstraram a personalidade feminina, tratando da feminilidade onde quer que ela se encontre, tanto no homem quanto na mulher. Essa história é uma maneira de entendermos a evolução e o comportamento da inteligência ao feminino.

Afrodite nasceu no mar, é agressiva, representa o estado feminino de evolução pré-consciente, é difícil atingir sua natureza. Psiquê nasceu na terra, é solitária, a terra é símbolo da consciência.

Afrodite ordena quatro tarefas a Psiquê, sendo que cada uma representando uma conquista, uma nova habilidade a ser desenvolvida. Através da realização das quatro tarefas, Psiquê desenvolve capacidades e forças.

Na primeira tarefa deve separar uma montanha de grãos; a segunda é tirar lã de carneiros selvagens sem que percebam; a terceira, tirar com uma taça de cristal água de um rio que nasce no alto da montanha, desaparece sob a terra e retorna a montanha, e a última tarefa, Psiquê deverá descer aos infernos para receber das mãos de Perséfone (a rainha do inferno) um cofrinho onde ela guarda seu unguento de beleza.

A função de realizar essas tarefas é que durante o percurso de cada uma delas, Psiquê utilize horas sua inteligência feminina, como a delicadeza, a perspicácia, a paciência, que elabore uma função de cada vez, que faça bem feito, e horas tendo que buscar sua inteligência ao masculino, usando a força, a destreza, a garra, a determinação. Pode se encaminhar no sentido deste mito que leva para a evolução de um novo estágio de feminilidade.

Afrodite faz tudo para tornar possível a evolução de Psiquê. Acontece sempre um verdadeiro estado caótico de guerra dentro de um ser enquanto se processa essa evolução.

Há uma Psiquê em toda mulher, que significa ser muito sozinha, e solidão provoca dor neste estado de alma, nada mais que o surgimento do lado Psiquê. Este lado permanecerá durante a vida de cada mulher, intocado, desligado e solteiro. Se tudo isso for entendido, talvez se possa promover o movimento que leva à evolução. Há um Deus e uma Deusa que habita cada alma.

Função da mulher através do mito: “A mulher é aquela que dá a luz, qualidade feminina de ser a portadora da luz”. Poder-se-ia dizer que para a mulher evoluir faz-se necessário libertar-se do domínio que seu componente masculino exerce sobre ela.

O feminino na mulher precisa selecionar e retirar o material que está no inconsciente, para trazê-lo com ordenação e lógica para o consciente. Para Johnson essa é a grande função feminina, que é negligenciada em nossa cultura (JOHNSON, 1987).

O componente masculino na personalidade lida com o mundo exterior. O componente feminino na personalidade lida com o mundo interior.

O homem ocidental moderno, usando o seu *logos* = sua mente científica e racional, encontrou uma forma de atingir as fontes de poder, em seu universo, e usou para subjugar os outros e a natureza. O homem tecnológico dos nossos dias assumiu esse poder como se fosse um deus colocando o mundo sob ameaça de destruição.

Os mitos antigos mostraram como o homem pode usar este poder em benefício próprio e da natureza, mantendo o equilíbrio entre a sua personalidade masculina e feminina.

Por meio dos mitos de Afrodite e Psiquê percebemos que cada indivíduo possui uma porção feminina e uma masculina, dentro de si. Para que faça evolução é necessário que haja esse entendimento e utilize essa inteligência – masculina e feminina – a seu favor no desenvolver de sua vida em busca da realização do seu projeto de natureza.

2.2 Inteligência

Segundo o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, a inteligência é a faculdade de conhecer, de compreender; a inteligência distingue o homem do animal, é a compreensão; conhecimento profundo; ter inteligência para os negócios. Destreza, habilidade; cumprir com inteligência uma missão. Boa convivência, união de sentimentos; viver em perfeita inteligência com ajuste, conluio, relações secretas; ter inteligência com o inimigo (HOUAISS, VILLAR E FRANCO, 2009, p. 1094).

Inteligência significa ainda a capacidade de alguém/algo para a lógica, abstração, memorização, compreensão, autoconhecimento, comunicação, aprendizado, controle emocional, planejamento e resolução de problemas.

Na área da Psicologia, vários enfoques distintos já foram adotados para definir inteligência e ser a mais pesquisada e amplamente usada. Conforme a definição que se tome, a inteligência pode ser considerada um dos aspectos da linguagem ou um traço de personalidade.

2.3 Histórico e Definição

A partir do século XIX observou-se o crescente interesse pela inteligência humana, quando Herbert Spencer e Francis Galton sugeriram uma capacidade humana geral e superior. Inteligência para Galton é o reflexo de habilidades sensoriais e perceptivas transmitidas geneticamente (WOYCIEKOSKI e HUTZ, 2009).

Em 1904 Charles Spearman sugeriu a existência de um fator geral de inteligência, o qual permearia o desempenho em todas as tarefas intelectuais. Para eles às pessoas seriam mais ou menos inteligentes, dependendo da quantidade de g que possuíam, sugeriu que o g era um fator central e supremo em todas as medidas de inteligência, o qual representava a capacidade de raciocínio ou a gênese do pensamento abstrato (WOYCIEKOSKI e HUTZ, 2009, p. 2).

Em 1905, Alfred Binet e Théophile Simon criaram o primeiro teste satisfatório de inteligência. Este teste constitui a base de pesquisas futuras e foi utilizado em vários países e línguas (WOYCIEKOSKI e HUTZ, 2009).

Em 1938, Thurstone, criticou que a inteligência (...) poderia ser decomposta em varias capacidades básicas através da análise fatorial. Identificou sete fatores (compreensão verbal, fluência verbal, aptidão numérica, visualização espacial, memória, raciocínio e velocidade perceptiva) e criou o Teste de Capacidades Mentais Básicas (WOYCIEKOSKI e HUTZ, 2009, p. 2).

“Em 1939 David Wechsler criou a Escala Wechster de Inteligência para adultos” (WAIS) (WOYCIEKOSKI e HUTZ, 2009, p. 2).

Quanto à definição percebem-se duas correntes teóricas. Há autores que a definiram como uma capacidade geral de compreensão e raciocínio, enquanto outros a descreveram como envolvendo diversas capacidades mentais relativamente independente umas das outras.

“Guilford 1967 propôs que a inteligência compreendia 150 fatores” (WOYCIEKOSKI e HUTZ, 2009, p. 2).

Gardner (1995) criou a Teoria das Inteligências Múltiplas, independentes entre si, as quais operariam em blocos separados no cérebro, obedecendo às regras próprias: inteligência lógico-matemática, linguística, musical, espacial, corporal-sinestésica, intrapessoal e interpessoal (WOYCIEKOSKI e HUTZ, 2009, p. 2).

“Em 1997 Sternberg salientou que uma das características mais importantes da inteligência seria a capacidade de pensar de forma abstrata. Argumentou que os seres humanos são essencialmente sociais” (WOYCIEKOSKI, HUTZ, 2009, p. 2).

Entre 1994 e 1997 procedeu-se o fenômeno da popularização da IE, quando Daniel Goleman (1996) lançou o livro intitulado “Emotional Intelligence”, que passou a incluir aspectos da personalidade. A inteligência emocional envolve a capacidade de perceber acuradamente, de avaliar e de expressar emoções; a capacidade de perceber e /ou gerar sentimentos quando eles facilitam o pensamento; a capacidade de compreender a emoção e o conhecimento emocional; e a capacidade de controlar emoções para promover o crescimento emocional e intelectual (WOYCIEKOSKI e HUTZ, 2009, p. 2).

Estes são alguns conceitos e breves definições para nos aproximarmos do conceito de inteligência na Ciência Psicológica corrente.

2.4 Fundamentações na Escola Ontopsicológica

Buscando a compreensão da inteligência humana na forma em que acontece em seu modo feminino e masculino, fizemos um estudo inicial acerca do pensamento desenvolvido por Meneghetti, na obra *“Feminilidade como Sexo, Poder e Graça”* (2013), e também na obra *“O Modo Maschio”* (2009), para podermos ter uma compreensão do modo de agir dessas duas inteligências.

A psicologia feminina apresenta grande “complexidade”, tornando tarefa nada fácil falar sobre a inteligência ao feminino. “Não por acaso se fala de ‘mistério’ feminino e não de ‘mistério’ masculino, mas é singular que se utilize um substantivo semelhante para indicar um modo do existir humano” (MENGHETTI, 2013, p. 21).

Somente a partir do Congresso Internacional Donna 2000, realizado no Rio de Janeiro-RJ, na virada para o ano 2000, quando se começou a falar de “inteligência ao feminino”, começam a surgir informações sobre a especificidade da mulher.

Essa “lei do silêncio” da mulher sobre si mesma é devida à própria mulher, já que não construiu uma cultura “ao feminino”, mas se conhece segundo a grelha lógica, linguística e cultural da identidade masculina. Para usar uma imagem metafórica familiar à cultura católica, da costela de Adão em diante, a mulher sempre foi considerada – a ponto de ela mesma acreditar – uma derivação masculina, quase “um homem com algo a menos”, uma “tipologia humana defeituosa”.

A mulher não tem identidade específica, portanto não possuiu nem imagens nem palavras para definir a sua peculiaridade, percebe-se diferente do homem, mas depois, para se distinguir, deve negá-lo, diminuí-lo. É um jogo massacrante que se repete sempre igual há milênios e que não convém a ninguém, muito menos à mulher. A inteligência não é nem feminina nem masculina, não existe nenhuma diferença substancial entre os dois sexos, mas “formal” sim, no sentido que uma mesma realidade acontece de dois “modos” diversos, que dão origem a percursos diferentes, complementares e ambos indispensáveis ao alcance do total do conhecimento. A mulher, como o homem, é fenomenologia do espírito, mas até o momento a mulher fez o papel de “musa” ao homem, sem entrar diretamente na criação histórica. A tese de Antonio Meneghetti é que a história do humano neste planeta é falimentar porque faltam a presença e a contribuição da inteligência ao feminino. Não se trata de um problema pequeno, caso se pense que é a mulher que gera a vida neste planeta (MENEHETTI, 2013, p. 24).

“Externamente a mulher é vencedora sobre o homem, porém no aspecto último, pelo menos no plano da economia existencial, o poder é masculino” (MENEHETTI,

2013, p. 110). “Esta é a diferença entre o modo de existir masculino e o feminino” (MENEGETTI, 2013, p. 111), pois:

O homem é um executivo, um formalizador; para compreender onde está o ponto de uma situação deve dialogar com outro; a mulher pode colher em um instante o ponto fraco ou forte de uma situação. (...) Pela carga vital que possui, a mulher introduz “élan vital”, semânticas revitalizantes no ambiente circunstante, ou seja, começa a emanar um fermento que dá galhardia e que incentiva: é uma geradora de motivações e de ações. (...) Todavia, a mulher desperdiça tudo isso através das coisas de sempre: procura ser igual ao homem, ou entra em competição ou o imita. Para ser grande, ela deve compreender que possui um estilo próprio, uma emoção própria: tem uma onda larga. A fim de que seja capaz de gerir esse seu poder deve, primeiro, compreender profundamente a si mesma (MENEGETTI, 2013, p. 111).

Percebemos que a mulher sabe agir como produtora de bem-estar para si e, por consequência, para os outros, mas também ao mesmo tempo usa o ser fêmea dentro de um jogo perene transmitido de mulher a mulher sem funcionalidade de resultado.

Temos uma forma essencial como seres humanos, a qual coloca diversas formas de história. Esse é o aspecto histórico-existencial da nossa essência humana. Nas grandes filosofias e ações históricas nunca se fala de homem ou mulher, apenas de inteligência, de alma, de espírito, isto é, se fala de uma essência elementar. É necessário ter a capacidade de transcender a própria fenomenologia para alcançar o ato específico que somos diante do universo. Ser homem ou mulher é uma função história (MENEGETTI, 2013, p. 210).

“A psique em si da mulher não tem nenhuma diferença em relação à inteligência que se veste de masculino” (MENEGETTI, 2013, p. 217).

A única diferença entre o homem e a mulher é o modo como usar este tempo, este planeta, este ritmo das coisas. A música é a mesma, pode-se tocá-la com o violino ou com o violão ainda que existam discrepâncias técnicas dos instrumentos (MENEGETTI, 2013, p. 218).

Os homens são uma parte do universo da vida humana, a outra parte é a mulher: são duas partes eternamente dialéticas e complementares. Neste sentido, a vida já nos coloca em uma situação simpática, porém nada fácil.

O ser humano, como psique, não é homem nem mulher. O ser masculino ou feminino é um fenômeno sucessivo, é um atributo essencial do aspecto biológico do homem. A psique, em si mesma, tem uma forma universal, porém, quando age, o faz segundo os modos do local onde existe; conseqüentemente, ela pode se terminar em uma modalidade feminina ou masculina, não porque a psique seja feminina ou masculina, mas visto que é instrumentalizada do modo masculino ou feminino.

Quase todas as mulheres seguem a função de “fêmea”, que é transmitida pelo “ai de ti!”, e assim a mulher não consegue sair desse labirinto para ter uma evolução em funcionalidade para si mesma.

Em seu texto *“A feminilidade não deve planificar a personalidade”*, Monica Mazzariello (2006), aborda que em ser ambivalente a mulher deixa impenetrável, inexplorada, desconhecida e intocável parte de si. A escolha da mulher é interior e se renova a cada momento, é uma novidade de crescimento a cada instante (MAZZARIELLO, 2006).

“O sentido masculino é uma posição intelectual: uma capacidade, uma escolha e uma coerência” (MENEGETTI, 2009, p.11).

“A vida é mulher; mas pertence ao homem que sabe lê-la. O comportamento masculino é algo que deve levar à competência e à compreensão consciente do milagre da vida e da mulher: existe um momento para entrar e outro para sair” (MENEGETTI, 2009, p. 11). E continua: “a vida, como a mulher, deixa-se formalizar por quem conhece a ordem ou o projeto” (MENEGETTI, 2009, p. 14).

Segundo o artigo *“Percepção da mulher sobre sua responsabilidade”* de Schuch (2011), pode-se constatar que o masculino e feminino são categorias socialmente construídas, que se desenvolveram ao longo dos séculos. Com o passar do tempo tais distinções adquiriram valores sociais de inferioridade de um em relação ao outro. Compreender a função feminina relativizando as disposições do passado para assumir no presente o protagonismo social implica a solução da pessoa da mulher e o conhecimento profundo de si mesma (SCHUCH, 2011, p. 1).

O homem existe como macho e como fêmea. Sendo um projeto histórico do ser, é uma inteligência capaz de formalizar: colocado em uma situação, o homem sabe especificar, selecionar e distinguir aquilo que é conforme ao próprio projeto e deixar aquilo que não é. Cada um é um projeto da vida (MENEGETTI, 2009, p. 20).

Para Schuch, com o advento da globalização, a mulher e o homem precisam se desenvolver conjuntamente. A mulher perceber a si mesma como inteligência e agir em sentido prático na sua realização pessoal e profissional, contribuindo em um contexto social mais humanista. Com seu potencial realizado de modo coerente, ela se realiza na história e proporciona também realização a tantos outros (SCHUCH, 2011).

3 Método

Uma pesquisa social pode ser classificada em quantitativa ou qualitativa, de acordo com Godoy (1995). A pesquisa deste trabalho é qualitativa, devido às suas características.

A pesquisa qualitativa, segundo Trivinhos (1995; 2008), tem as seguintes características: utiliza como fonte direta o ambiente natural e o pesquisador como instrumento-chave; a pesquisa é descritiva; os pesquisadores estão preocupados com o processo e não simplesmente com os resultados e o produto; tendência a análise indutiva; o significado é a preocupação essencial da abordagem qualitativa. O processo de pesquisa qualitativa se desenvolve em interação dinâmica, reformulando-se constantemente.

Desenvolvemos aqui uma pesquisa qualitativa e de cunho bibliográfico com revisão de literatura.

4 Considerações Finais

Como é possível observar, há uma importante dissonância entre as afirmações feitas aos conceitos de inteligência, por alguns autores. Ao decorrer deste artigo, procurou-se demonstrar que um dos principais aspectos problemáticos relacionados ao campo da inteligência, refere-se às dificuldades teóricas em defini-las.

As concepções atuais sobre inteligência constituem o produto do pensamento, trabalho e investigações de centenas de pesquisadores, que ao longo da história definiram inteligência.

A inteligência tem sido estudada por mais de um século, o tempo suficiente para que possa ter sido acumulado um corpo científico sólido, capaz de compreender melhor a sua estrutura, processos e mecanismos.

Estes padrões de resultados evidenciam que a Ontopsicologia representa a ciência que nos traz conceitos e evidências que nos levam as respostas das perguntas que temos, sem jamais se contradizer em qualquer um dos conceitos apresentados. Ela no diz que a inteligência é faculdade exclusivamente psíquica e, portanto, espiritual para compreender, em evidência, a ordem causal da ação ou do fato. Compreensão das coisas do interior de qualquer fenomenologia. Parte do Em Si ôntico à disposição do Eu

voluntário, ou lógico-histórico. Para essa ciência a inteligência não é feminina nem masculina.

Ao tomar conhecimento do contexto em que o Acadêmico Professor Antonio Meneghetti aborda a inteligência ao feminino entendemos que não existe nenhuma diferença substancial entre os dois sexos, mas “formal”, no sentido que uma mesma realidade acontece de dois “modos” diversos, que dão origem a percursos diferentes, complementares e ambos indispensáveis ao alcance do total do conhecimento.

Configura-se como homem e mulher: funções combinadas para a manutenção histórica no planeta. Homem, com atitude inseminativa, mulher, com atitude incubadora. Ambos complementares, indispensáveis e de igual importância ao contexto maior da vida.

Esse entendimento, abordado pela Ciência Ontopsicológica, faz que tenhamos avanço no conhecimento do ser humano e sua fenomenologia. A Ontopsicologia descobriu a lógica simples que a vida usa no interior das próprias individualizações e a inteligência é uma das faculdades da alma humana que faz essa leitura.

REFERÊNCIAS

GODOY, A. S. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de empresas**. São Paulo, n. 3, p. 20-29, mai./jun., 1995.

HOUAISS, A; VILLAR, M; FRANCO, F. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2009.

HUTZ, C.; WOYCIEKOSKI, C. Inteligência Emocional: Teoria, Pesquisa, Medida, Aplicações e Controvérsias. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/prc/v22n1/02.pdf>>. Acesso em: 09 jun. 2016.

JOHNSON, R. **She: A chave do Entendimento da Psicologia Feminina**. São Paulo: Editora Mercury, 1987.

MAZZARIELLO, M. A feminilidade não deve planificar a personalidade. *Jovens: sexo, amor e sociedade*. **Nova Ontopsicologia**, ano XXIX, maio 2006.

MENEGHETTI, A. **Feminilidade como Sexo, Poder, Graça**. 5. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2013.

MENEGHETTI, A. **O Modo Maschio**. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editrice, 2009.

MENEGHETTI, A. **Dicionário de Ontopsicologia**. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2012.

SCHUCH, A. Percepção da mulher sobre sua responsabilidade. **Atos do Congresso Responsabilidade e Reciprocidade**, Recanto Maestro, p. 463-469, 2011.

TRIVINÕS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo Atlas, 1995.

TRIVINÕS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 2008.